

DA UNIVERSIDADE PARA A REALIDADE

“Ainda compensa ser engenheiro”

RITA SIZA |

“As empresas precisam imenso de gente com formação tecnológica avançada. Aliás, o país precisa de valorizar a componente tecnológica, da qual depende o sucesso da inovação e do aumento da competitividade”. O presidente do Instituto de Engenharia Mecânica e Gestão Industrial (Inegi) da Universidade do Porto, Augusto Barata da Rocha, não ignora o discurso político, quando fala na urgência de repensar o modelo de desenvolvimento económico do país. As últimas estatísticas revelam, porém, que os especialistas e os técnicos de nível intermédio em ciências físicas, matemáticas e engenharias são o segmento onde o desemprego mais tem crescido no último ano.

Não sendo imunes ao movimento de redução de custos com pessoal que afeta muitas empresas do país, os engenheiros expressam, porém, a convicção de que há sempre lugar para eles no mercado de trabalho. “Apesar da crise e da recessão, quem utiliza as novas ferramentas tecnológicas, consegue sempre arranjar uma forma de ser útil à sociedade”, afirma o bastonário da Ordem dos Engenheiros, Francisco Sousa Soares.

“Por serem cursos de banda larga, ou seja, muito fortes tecnicamente e também muito versáteis, há sempre possibilidade de encaixe no mercado de trabalho”, considera um jovem engenheiro mecânico ouvido pelo PÚBLICO. O percurso de Bruno Ferreira, 30 anos, é um exemplo disso. No fim da licenciatura em engenharia química iniciou um

doutoramento que lhe permitiu trabalhar como consultor. Aproveitou o “balanço” para criar a sua própria empresa, ao mesmo tempo que prossegue a sua formação como investigador pós-doutorado. Lino Dias, de 31 anos, recebeu várias respostas negativas de empresas a quem ofereceu os seus préstimos, mas acabou por ter a oportunidade de ingressar na Bayer na Alemanha, onde apesar de trabalhar numa área bastante diferente da sua formação inicial se sente plenamente realizado.

Com uma oferta que, em termos de formação, ascende a mais de 300 licenciaturas, especializações, mestrados e pós-graduações, a engenharia tem passado por diferentes ciclos tanto na procura de estudantes como de empregadores. O presidente do Inegi recorda o autêntico “boom” na procura de licenciaturas ligadas à informática em desfavor das áreas da produção e das tecnologias a partir dos anos 80. “Nessa época, a licenciatura de engenharia mecânica era a menos procurada”, assegura. As coisas mudaram, sobretudo quando os jovens entendem que ter competências na área de gestão e engenharia industrial é “emprego garantido”. Hoje, a licenciatura em gestão e engenharia industrial é a que tem as médias de ingresso mais altas.

Apesar do optimismo, falta a resposta da indústria. “Infelizmente, não investe no nosso know-how”, diz Correia dos Santos, presidente da Associação dos Antigos Alunos do IST. Os engenheiros passam a vida a ter que compreender e pôr a funcionar o equipamento que se compra no exterior.